

**A ESPERANÇA: semanário de recreio litterário Dedicado às Damas** (Porto, 1865-1866) – É um periódico feminino<sup>1</sup> editado por A. Pereira da Silva e R. D. Cesar Rei; e um jornal literário do século XIX que inclui uma série de outros temas: moda, crítica social, teatral e religiosa; eventos contemporâneos, jornalismo, cultura, história, moda e ciência, em textos soltos e nas secções habituais deste género de imprensa periódica.

Portuense, este jornal publicou-se em fascículos semanais destinados a serem encadernados em volumes anuais. Ao nosso exemplar faltam as habituais capilhas de proteção dos fascículos. Começou por ser impresso na tipografia de Rodrigo José d'Oliveira Guimarães, no Largo de S. Domingos, 30. Depois, ainda em 1865 e até ao seu ocaso, vai sair da nova tipografia de José Pereira da Silva & F.<sup>o</sup>, situada na “Praça de Santa Theresa, 63”; e António Pereira da Silva passa a “seu proprietário” (Volume I, 1865, p. 96).

As alterações já tinham sido explicadas, na sua secção “Expediente”: “Ricardo Dias Cesar Rey declara que, de bom accordo com o seu collega, deixou de tomar parte na empreza da ESPERANÇA, em consequência de se ter mettido em negocios, que talvez o obriguem a retirar-se d'esta cidade/ Porto, 2 de março de 1865” (Volume I, 1865, p. 64).

O periódico abre com a capa anual de 1865, com o seu título e a sua única ilustração, que é composta por uma figura humana ajoelhada numa nuvem e “iluminada” por uma estrela, talvez a rezar por um futuro com “esperança”.

Em seguida, divulga-se uma lista formal e nominal de *Colaboradoras*: Maria Peregrina de Sousa – Maria Adelaide Fernandes Prata – Efigénia do Carvalho Sousa Telles – Henriqueta Elisa (Pereira de Sousa) – Branca de Carvalho, e Adelaide Safira de Sampaio e Silva.

Depois, numa segunda lista aparecem os *Colaboradores*: Camilo Castelo Branco – Ernesto Biester – J. D. Ramalho Ortigão – A. B. Cerqueira Lobo – Alfredo de Carvalho – Augusto Luso – A. Correia – Teófilo Braga – A. Pinheiro Caldas – A. Moutinho de Sousa – Ernesto Pinto d'Almeida – Eduardo Augusto Salgado – Guilherme Braga – Alexandre da Conceição – Pedro Augusto de Lima – Agostinho Albano – Henrique Marinho, e outros.

No índice do seu segundo e último volume anual, aparecem nomeados outros colaboradores: Alberto Pimentel, Albano Coutinho Júnior, A.P.A. Carvalhais, A.P. do Amaral, A. Salazar d'Eça Jordão, Augusto Queiroz, Costa Goldofim, F.M. de Sousa Viterbo, Ribeiro Gonçalves, Sousa Cavalheiro, J. Alves Costa Fontelas, J.N.R. Botelho, João Clímaco, e Júlio d'Oliveira.

O jornal vendia-se por assinaturas em Portugal e no Brasil; o seu preço manteve-se imutável: 1\$200 reis por ano e para o Porto (semestre 600, trimestre 300, e mês 120 reis); 1\$440 reis por ano e para a Província; 2\$200 reis por ano para o Brasil; assinava-se, no início, na Livraria Francesa e

---

<sup>1</sup>O 35º periódico feminino editado em Portugal. V. Maria Ivone Leal – “Lista de Periódicos Inventariados”. In *Um Século de Periódicos Femininos*. Cadernos Condição Feminina n.º 35. Lisboa: Edição Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher, 1992, p. 15.

Nacional, na Rua do Laranjal n.º 2 a 16, e no Largo de S. Domingos n.º 30, 1.º andar, no Porto. (Volume I, 1865; p. [2]). Pela secção “Expediente” do jornal, ficamos a saber que também se recebiam assinaturas na cidade de Braga, “na redacção do *Progresso* [1862?-1865] e *Gazeta de Braga* [1864-1865]”; e que o seu primeiro semestre terminou com o fascículo n.º 24 (Volume I, 1865; p. 192; p. 264).

A sua periodicidade semanal é interrompida pelo menos uma vez. Como fica documentado no fascículo n.º 25 de 1866 que abre com “Aos Nossos Leitores”, onde António Pereira da Silva declara que, por doença, interrompeu o jornal e passou a empresa aos seus coadjuvadores, A.P. do Amaral e G.G. (Gomes) Coelho, para eles “poderem publicar como editores” (Segundo ano – 1866; p. 193). No mesmo fascículo, anuncia-se, no “Expediente”, a nova morada da “redacção e administração – Massarellos – rua da Fonte n.º 9” (Volume II, 1866; p. 200).

Editor deste jornal durante 18 meses, António Pereira da Silva escreve aos redatores em funções, invocando o “mais sagrado dos seus deveres” – o agradecimento a todos os colaboradores que nesse período de tempo honraram as colunas de *A Esperança* –; e nomeia, especialmente, alguns conhecidos nomes das Letras (Volume II, 1866; p. 224).

## APRESENTAÇÃO E LINHAS PROGRAMÁTICAS

*A Esperança* apresenta-se em “Duas Palavras”, editorial não assinado, onde se salienta o desalento que trazem as publicações literárias e a indiferença que suscitam, levando à “vida ephemera que têm em Portugal”. Apesar dos obstáculos, “os editores da **Esperança** confiam que lhes será auxilio a vontade, que manifestam assim, de apresentar n’esta cidade um jornal litterario e scientifico, bem redigido e d’um modestíssimo preço, e os nomes dos principaes collaboradores do seu periódico, nomes que já recommendam com a própria authority, a publicação onde apparecem./ Este jornal é para todos.” Para o artista, para o homem de letras e para a “senhora intelligente e instruida”. Depois, lê-se que “A Esperança nasceu d’uma ideia justa, e louvável”; e que só o futuro, ao qual os editores apelam, decidirá se “merece ou não a confiança” dos seus assinantes (Volume I, 1865, p. [3]).

Repetidamente, a sua redacção comunica o bom acolhimento do jornal pelo público; e anuncia que “vai dar aos snrs. Assignantes uma prova do seu reconhecimento e gratidão, augmentando-o de três em três mezes com figurinos, correspondentes ás quatro estações, e um artigo sobre modas. Como esta publicação é dedicada ás damas muito lhes ha-de interessar a nossa inovação” (Volume I, 1865; p. 88).

O segundo volume abre com “Introdução”, que fala dos jornais de então, os quais “são para tudo e para todos” e por isso “ninguem os deixa de ler” seja por “ócio depois da lida” ou para “alargar os “horisontes do espirito e abrir a alma à luz da instrucção”. Neste editorial, também não assinado, referem-se, em voz plural, as linhas programáticas do jornal: “apostolando as ideias e tendências do século”, “abrimos as portas d’esta pequena galeria de pensadores”, “gloriamos os talentos que já subiram, e acolhemos os que sobem ainda”; terminando com menção ao bom acolhimento da parte do público: “Já o fomos e continuaremos a sel-o”, e “estamos certos de que a geral opinião porá corôa aos nossos e vossos esforços” (Volume II, 1866, p. [3]).

Mais tarde, em “Aos Nossos Leitores”, os responsáveis pelo jornal anunciam que “se as nossas intenções se não frustarem, é de supor que em breve augmentemos o jornal e lhe demos o realce necessário a uma publicação litteraria e além d’isso o único semanário que conta actualmente a cidade do Porto”; seguido de “aquillo que promettemos cumprir-se-há”, e “creiam os leitores na sinceridade da nossa palavra” (Volume II, 1866; p. 193).

Constatamos que, apesar do anterior anúncio, o jornal não sofre aumento de páginas até ao fim da sua publicação, provavelmente por dificuldades financeiras.

## TEXTOS FEMININOS E POLÉMICA QUASE FEMINISTA

No texto “A Mulher – Sua Educação”, Henriqueta Eliza<sup>2</sup> escreve que a “emancipação da mulher” não é a sua bandeira, e analisa o mundo da esposa e mãe que não tem a instrução adequada. Generalizando, a autora programa: “Se quereis regenerar a sociedade, substituir a corrupção pela virtude, educai a mulher, só ella o poderá conseguir”; diz que quer “a natureza ajudada pelo estudo, cultivada e desenvolvida com vantagem, sem perder nada da sua graça natural”; aconselha a ampliar “quanto ser possa a esphera de conhecimentos para a mulher”, pois “a mãe instruída póde e sabe educar seus filhos”. Apenas no final deste texto continuado, se refere o livro *Educação das Mães de Família* (1834) de Aimé Martin (1781-1847), predizendo que depois dele, “quanto se diga sobre este assumpto, é superfluo ou imperfeito (Volume I, p. 49-51, p. 57-58).

Alberto Pimentel despoleta uma polémica de cariz feminista ao criticar a carta “Ressentimento...” que Maria Adelaide Fernandes Prata<sup>3</sup> dirigiu a **Maria Peregrina de Sousa**<sup>4</sup>. Alberto Pimentel (1849-1925), surpreende por dizer que os homens de letras “querem que a mulher lêa, pense e escreva como eles”, e pelas frases: “O sexo masculino quer que a mulher se nobilite pelo talento e não a manda consertar piugas, como v. exc.<sup>a</sup> julga. Mas a nobresa que o talento dá, ganha-se pelo estudo e as produções que o sexo feminino, actualmente tem lançado ao mar da publicidade, diga-se francamente, não são das mais correctas”.

Em “Resposta ás Observações do Snr. Alberto Pimentel, Maria Adelaide contrapõe: alguns homens literatos querem a mulher “instruída até certo ponto; isto é, que converse bem, que escreva com orthographia”, que “se lembre que foi destinada para os misteres domesticos”; com “o genio que não escolhe sexo”, com a falta de estudo que nós, as mulheres “o não temos”; e que “muitas vezes, as (produções) de grandes talentos masculinos teem defeitos”.

---

<sup>2</sup>Henriqueta Elisa [Pereira de Sousa (1843-?)] colaborou com as poesias “Melancolia” e “Soneto”. V. *A Esperança*, Vol. I, 1865, p. 4-5, p. 175). Antes assinou a Introdução de *Hymnos e Flores: jornal literário* (1862), onde indiciou “ameaça a posições masculinas cristalizadas”, e o tema “a mulher livre ao lado do homem livre”, também defendido por homens, que variava no âmbito da liberdade da mulher. O tema é o título do programa de outro periódico feminino *A Voz Feminina* (1968), no qual “percebe-se um debate no ar”. V. Ernesto Rodrigues – “Jornalismo Feminino” – In *Mágico Folhetim*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998, p. 167, p. 169.

<sup>3</sup>Maria Adelaide Fernandes Prata (1826-1881) foi uma escritora portuguesa. Entre outros periódicos, colaborou assiduamente com poesias e prosas neste periódico; e o seu livro *O Filho de Deus* (1863) vendeu-se na redacção do jornal. V. *A Esperança*, Vol. II, 1866, p. 40).

<sup>4</sup>Maria Peregrina de Sousa (1809-1894), conhecida escritora portuguesa, publicou o romance *Maria Isabel* que foi “muito bem acolhido”; anunciou-se a impressão desta sua (única) produção, que esteve à venda como edição de *A Esperança*. V. Vol. II, 1866, p. 176).

A seguir, Alberto Pimentel responde em longa “Carta á exm.<sup>a</sup> srnr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Fernandes Prata”, da qual destacamos: “Eu, rabiscador de insulsas prosas, magoei-me, então, por me ver agredido tão injustamente” pois via “sobre a minha banca um livro de poesias (1959) e um poemeto – O FILHO DE DEUS – de v. ex.<sup>a</sup>, as SCENAS ROMANTICAS (1863) da srnr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Elysa e a LUZ COADA POR FERROS (1863) da sr.<sup>a</sup> D. Anna Placido. Provas estas de que também venero os vigorosos talentos das mulheres contemporâneas”; que as mulheres não têm estudo “por que o não querem ter”; e que “hoje, apesar de ser o seculo das innovações progressistas, ainda ninguem pôde descobrir o modo...de se não errar”.

A polémica conclui-se na “Carta ao Illm.<sup>o</sup> snr. Alberto Pimentel” de Maria Adelaide, onde fala das “duas potenciais aliadas” das mulheres como sendo “os ilustríssimos snrs. Viterbo e Pimentel”; do último, comenta a sua jovem idade de 16 anos (Volume I, p. 95-96; p. 102-104; p. 106, p. 116, e p. 121).

Solidário, F.M. de Sousa Viterbo (1845-1910) tinha publicado, em “Estímulo a Maria Adelaide...” que cuidando-a pensadora, não pode deixar de atirar aos pés dela “um grão” do seu “tributo e sincero reconhecimento”; e discorre sobre a condição da mulher. Responde Maria Adelaide com “Reconhecimento a F.M. de Sousa Viterbo”, a agradecer pessoalmente e “pelo sexo brando”, à sua “mimosa penna” (Volume I, p. 107-109; p. 113).

De referir, o texto crítico “BONECOS E BONECAS” de Teresa Augusta da Silva, sua (única) colaboração, onde começa por generalizar o seu século “tão frívolo” com mulheres que “fazem consistir a sua felicidade, e ocupação n’um vão ornato, e não conhecem outro estudo que não seja o das sedas, perfumes, e penteados, persuadidos que não foram creados, senão para serem bonecas aos olhos do publico”; na mesma linha, critica também os homens, “Que ridículos bonecos!” (Volume I, p. 283-284).

## EVENTOS CONTEMPORANEOS

O jornal destacou o grande evento que foi a visita oficial do rei D. Luís, com a família real, à *Exposição Internacional do Porto* na sua abertura e inauguração do “Palácio de Cristal”<sup>5</sup>, a 18 de setembro de 1865, com duas colaborações poéticas: *A Grande Festa!* pelo jovem Alberto Pimentel; e *No Dia da Chegada da Família Real ao Porto pela ocasião d’abertura da Exposição Internacional* de Maria Adelaide Prata; também encontrámos outras duas poesias de Augusto Queiroz, *A Visita de SS. MM. E A. ao Porto*, e *A Abertura da Exposição Internacional* (Volume I, 1865; p. 281, e p. 288; p. 284-285, e p. 332).

---

<sup>5</sup>O “Palácio de Cristal” foi construído para a *Exposição Internacional do Porto* (1865), a primeira do género na Península Ibérica; exibiram-se centenas de expositores de países europeus, EUA e Japão com tudo o que era novidade industrial. A construção do novo edifício iniciou-se em 1861, no sítio da Torre da Marca, em Massarelos; o seu projeto foi baseado no *Crystal Palace* (1851) de Londres, e teve a autoria de *Thomas Dillan Jones*, um arquiteto inglês; erigido em pedra de granito, ferro e vidro, e dividido em três naves, o edifício media 150 metros de comprimento e 72 metros de largura; incluía galerias, um teatro, restaurante, café, bazar e estufas. No mesmo local, em 1951, foi construído o *Pavilhão dos Desportos*. Por causa da polémica demolição, o nome “Palácio de Cristal” continua a ser usado. Os seus jardins, nomeados como *Central Park do Porto*, completam 150 anos no ano corrente (2016).

No decorrer do ano de 1865, em duas das crónicas do jornal, Alberto Pimentel refere a exposição internacional como “a mais arrojada concepção dos homens progressistas de Portugal”; analisa que a “monotonia admirável” do Porto foi seguida pela “exposição internacional como uma tempestade”; prevê que “a nossa litteratura é que mais hade ganhar com esta exposição... Acabada ella não hão-de faltar estrangeirismos com que os *puristas* e os *amantes do classicismo* a enriquecer-hão”; e afirma que “o caminho de ferro e o Palacio de Crystal são as mais admiraveis innovações com que o Porto se tem ennobrecido ultimamente (Volume I, 1865; p. 103; p. 131-134).

Após terminar a mostra industrial, e também na rubrica “Cronica”, João Clímaco faz crítica social por serem revisitados “os objectos mais notáveis da exposição”, mas “sem lá se ir”, e usa metáforas para retratar o ambiente do evento: “era a vida, a animação, o supremo divertimento, era entrar-se no Palacio de Crystal”; e termina com: “agora o Palacio não passa d’uma gaiola vasia, d’onde desertaram as graciosas alveolas, como um bando d’andorinhas quando se aproxima o inverno” (Volume II, 1866, p. 68-69).

A polémica literária coimbrã<sup>6</sup>, contemporânea do jornal, e teve o seu início resumido noutra crónica de João Clímaco. Nela, contextualiza-se que “as discussões renhidas” sobre a “revolta de Hespanha” ensurdecaram a “trovoada litteraria que chovia coriscos sobre Lisboa e Coimbra”, causada pela crítica do “snr. Castilho que fecha o *Poema da Mocidade* (1865)” de Pinheiro Chagas. A carta dirigida ao editor António Maria Pereira, de 27 de setembro de 1865, “com a liberdade e autoridade devida ao mestre”, menciona “tres moços de grande intelligencia, Anthero do Quental, Teophilo Braga e Vieira de Castro, que escreviam em estylo subido de mais para entendimentos vulgares”. Na resposta “do snr. Anthero”, dirigida a A.F. de Castilho e publicada no panfleto intitulado *Bom senso e bom gosto*, de 2 de novembro de 1865, “não só se analysava com desfavor a feição dos escriptos do *principe da lyra*, mas tambem se criticava o character do homem” (Volume II, 1866, p. 30-31).

“A Questão Literária” por A.J.F., ou António José de Figueiredo (1819-1904), é a sua única produção no jornal, e prossegue o historial da polémica coimbrã. O texto, dirigido a um amigo, refere que “vieram a lume muitos outros escriptos dos defensores das duas parcialidades, entre os quaes os de mais merecimento são a *Litteratura de hoje* do Ramalho Ortigão e as *Vaidades irritadas e irritantes* de Camillo Castello Branco”; foram editados como opúsculos, e “ambos defendiam Castilho e rebatiam “as injuriosas agressões da eschola Coimbrã” (Volume II, 1866, p. 41-42).

Uma Interessante crítica de Albano Coutinho Júnior (1848-1935), sobre o “carnaval em Lisboa”, encontra-se na secção “Cartas de Lisboa (IV)”, onde se relata que, na monotonia habitual desses folguedos, “só houve de notável a autoridade policial empregar todos os meios ao seu alcance para que se não repetissem as brincadeiras pouco prudentes dos ovos e dos tremoços” (Volume II, 1866, p. 75).

---

<sup>6</sup>A “Questão Coimbrã” é a designação atual desta polémica literária que faz parte dos programas universitários dos cursos de literaturas modernas, em Portugal. Esta questão terminou com uma luta de espadas entre Ramalho Ortigão e Antero do Quental, no sítio do Jardim da Arca D’Água, no Porto, em 4 de fevereiro de 1866. Na luta, Ramalho Ortigão fica ferido. Depois, curiosamente, Ramalho e Antero tornam-se amigos.

No Porto, a 24 de junho, a popular celebração anual de “a noite de S. João” que sempre teve muitos participantes, assinala-se no jornal pelos seus conhecidos folguedos que despertam ilusões e sorrisos às mulheres em dois poemas de Efigénia do Carvalho Sousa Teles<sup>7</sup> e A. Salazar d’Eça Jordão (1845-?), datados e graciosamente alusivos (Volume I, 1865, p. 196-197; Volume II, 1866, p. 133-134).

A morte do “snr. D. Miguel de Bragança”, único artigo da rubrica intitulada “Necrologio”, é assinada pelo editor António Peixoto do Amaral que escreve: “Esqueçamos por um momento, essa epocha odiosa do absolutismo tyranno”, pois “além da campa não há ódios partidários”; declara que não vem “prantear” o finado, que a sua idade “é muito pequena para tanto”, mas conhece que ele “ia de encontro às mais santas ideias, que acareciam o bem estar da sociedade, – a liberdade e a Independencia!”; que os “constitucionaes e realistas abraçam-se hoje em solemne fraternidade” e termina a pedir aos portugueses para orarem por este “compatriota, e thio do nosso illustrado monarca o snr. D. Luiz I” (Volume II, 1866, p. 209).

## RUBRICAS E CONTEÚDOS

“Modas” é a primeira rubrica do jornal, não regular, iniciando-se no fascículo n.º 8 de 1865, com um texto de Laura Dumard; mas depois nunca mais vem assinada. Continua a ser publicada no número 15 “para “acompanhar o primeiro figurino” explicando “a estampa para melhor intelligencia das nossas leitoras”; e com artigos oriundos do jornal *Boudoir*, nos n.ºs 28, 31 e 35 (Volume I, 1865); e continua, em 1866, como parte da secção recreativa “Mosaico”. Desconhecemos qualquer figurino em estampa, os quais não fazem parte da coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

A habitual rubrica “Chronica” dos jornais do século XIX, com inúmeros assuntos, aparece nos números 13 a 17 de 1865, por Alberto Pimentel. Nela, o autor escreve, entre outros conteúdos, que “o sexo feminino importava-se pouco com os jornais politicos”; que “a *revista theatral* teve por pae o folhetim e por mãe uma *noticia diversa*; que “o *folhetim* pertence aos jornaes políticos como a *chronica* aos literários”; da religiosa quinta-feira santa, “Que banquete tão opulente tão opulento de sua simplicidade! Doze convivas, apenas!”, da séria quaresma de que não gosta, e da próxima festa da Páscoa; referencia o novo drama de Ernesto Biester (1829-1880), editor do Teatro D. Maria II, *A primavera Eterna*, e faz crítica favorável à atuação do “snr. Ricardo Dias Cezar Rey”, editor deste jornal; diz que “os revisores são os assassinos dos autores” e apela aos eleitores de uma fictícia eleição em que “a ESPERANÇA é o candidato, ella precisa dos vossos sufrágios ... pecuniários”; generaliza que à “felicidade conjugal da lua de mel succede o tédio da mulher e o aborrecimento dos filhos”, etc. (Volume I, 1865, p. 102, p. 111, p. 118, p. 127, e p. 131).

A rubrica reaparece, com o mesmo nome, nos fascículos 4 e 8 de 1866, assinada por João Clímaco, apresentando, a partir do seu último n.º 8, um sumário inicial em letra de tamanho inferir e em formato itálico. Esta rubrica também inclui, desde o seu início, entre outros conteúdos, crítica literária a

---

<sup>7</sup>Efigénia do Carvalho Sousa Teles (1839-1932), foi uma poetisa e articulista, colaborou aqui com várias poesias (Volume I, 1865, p. 39, p. 93, p. 110, p. 134, p. 157, p. 165); e com as prosas: “Impressões ao Pôr Do Sol” e “O Primeiro de Junho”; além dos romances: “Clotilde” e “Carlos e Laura” (Volume I – Volume II, 1865-1866; Volume II, 1866).

obras publicadas, jornalismo portuense, acontecimentos contemporâneos, etc. (Volume II, 1866, p. 30, p. 68).

A “Revista Mensal” de António Peixoto do Amaral, continua a rubrica anterior, mas publica-se uma única vez, no número 14 (Volume II, 1866, p. 109).

“Cartas de Lisboa”, de Albano Coutinho Júnior (1848-1935), correspondente em Lisboa, abre o número 43 e o n.º 47, prometendo “informar os leitores e leitoras d’este excellentes semanario de litteratura, de tudo quanto se passar de notavel nos theatros de Lisboa, das novidades litterárias que por aqui houver, e de “tudo o mais que possa” interessar (Volume I, 1865, p. 377, e p. 369). Esta secção, também irregular, continua em 1866, no n.º 6 e termina no n.º 10 (Volume II, 1866, p. 42, e p. 75).

“Variedades” tem continuação na “Secção Recreativa” e “Mosaico”, com publicação irregular e não assinadas, surgindo a partir do n.º 20 de 1865 (Volume I, p. 160, p. 176, p. 240; Volume II, p. 199, etc.)

Julgamos que, no jornal, a temática científica presente nos números 20 e 21 de 1865, quase se limita à antiga mitologia, em “O Sol” de E.A. Salgado (1833-1870), e “A Lua” de Alberto Pimentel (Volume I, 1865, p. 153, e p. 163).

A pequena secção interna “Publicações Litterárias”, quase regular, só se publica em 1865, a partir do n.º 27 de 1865; repete os anúncios das obras à venda na redacção do jornal (Volume I, p. 208).

Pretendendo manter e cativar mais subscritores, o editor do jornal, na última secção “Expediente” de 1865, anuncia para o segundo volume, “os “excellentes romances originaes”: *Um Suicidio com Flores* (de F.M. de Sousa Viterbo) – *O Comendador da Malta* (de A.P. do Amaral) – *A Freira* (de Augusto Queiroz)“, e outros conteúdos (Volume I, 1865, p. 368).

## **MAIS COLABORADORES E PRODUÇÕES**

Antero do Quental (1842-1890), um escritor do seu tempo, publica duas poesias no jornal, “Flores (N’um álbum)”; e “O Juramento” com as iniciais A.Q. (Volume I, 1865, p. 193, p. 215).

Em contraponto, do colaborador J.D. Ramalho Ortigão (1836-1915), não encontrámos qualquer colaboração neste jornal, a não ser que tenha assinado com iniciais que não conseguimos identificar.

De Teófilo Braga (1843-1924), apenas encontrámos um excerto de uma carta dirigida ao redator da *Esperança* a interceder pela publicação de uma poesia que lhe enviou “um novo poeta”, Alfredo Ansur (1849-1927); a poesia intitula-se “Primeira Saudade” (Volume I, 1865, p. 215-216).

Deparámo-nos com a possibilidade de Camilo Castelo Branco (1825-1890), ter assinado com “C.”<sup>8</sup>, em “Uma Lagrima (outubro, 1864)”, “A um Theatro” e “Aos Annos da Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D...”, três poesias em quadras; e num estudo em prosa,

---

<sup>8</sup>V. “C.” – In Adriano da Costa Andrade. *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999, p. 55.

“Poesia Indiana” (Volume I, 1865, p. 43, p. 206, p. 214, e p. 221). Ao lado de Camilo, A. Plácido<sup>9</sup> publica no fascículo inicial do jornal: “A Uns Annos”, uma poesia composta a 15 de abril de 1862; e “N’Um Album”, uma prosa poética escrita em Lisboa (Volume I, 1865, p. 5, p. 6).

João de Deus (1830-1896), o conhecido poeta e pedagogo, assinala a sua presença com a poesia “O Cego” (Volume I, p. 236-237).

Adicionamos mais colaboradores do jornal: Emília Rosa da Silva com as traduções “As Duas Desafortunadas” e “A Ruim Mãe” (Volume I, 1865); A.P.Y. Silveira com a tradução “Luzia e Melania” (Volume I, 1865); J. Caldas (1842-1932), com as poesias: “Quem Chora?”, “Supplica”, “Adeus Á Cella!”, e a prosa “Os Repentistas” (Volume I, 1865); Henrique Taveiro com a poesia “Primeira Ilusão” (Volume I, p. 309); Custódio Duarte (1841-1893), com a poesia “Colloquio” (Volume I, 1865, p. 28); Sousa cavalheiro com a poesia “Retrato de Delia” (Volume II, p. 141); J. D’Ascensão com o romance continuado “Amor no Oceano” (Volume II, 1866); etc.

De salientar que, neste jornal literário, muitos outros romances, contos e poesias foram publicados, constituindo a larga maioria dos seus conteúdos. Com o objetivo de divulgar obras dos seus colaboradores, algumas já referidas, António Pereira da Silva editou e anunciou, vendendo-se na redação do jornal: *Estrohes* (Poesia) de Alberto Pimentel; *Literatura D’Hontem ou breves reflexões sobre a Questão Litteraria* (Opúsculo), e *Paginas Intimas* de António Peixoto do Amaral; *Primicias* (Poesia) de Augusto Queiroz (Volume II, p. 24; p. 96, e p. 232; p. 112).

O jornal fecha com dois anúncios. Um ao “3º anno de publicação” de A ESPERANÇA, com António Peixoto do Amaral, o redator-proprietário deste “hebdomadario litterario – recreativo, dedicado ás senhoras Portuguezas e Brasileiras” que “continuará a sair regularmente todas as segundas feiras”. O outro, a um novo periódico “Garrett”, é talvez o seu único anúncio pago.

Não se voltará a publicar; nem iniciará o seu 3º ano de publicação. Desapareceu com o fascículo n.º 32 de 1866 e a página 256, ficando incompletas três das suas colaborações continuadas: uma tradução de J.N.R. Botelho, do romance “O Capitão Ricardo” por Alexandre Dumas; uma crónica de Alberto Pimentel “Scenas D’Aldeia”; e um poema do seu editor A. Peixoto do Amaral, “Frei Angelo” (Volume II, 1866).

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, 26 de fevereiro de 2016.

---

<sup>9</sup>Ana Augusta Plácido (1831-1895), estava viúva em 1865 e a viver maritalmente com Camilo Castelo Branco em S. Miguel de Seide, propriedade que herdou do marido que abandonou. Amante de Camilo desde, provavelmente, 1858, protagonizou o papel trágico de mulher fatal. Incentivada por Camilo, colaborava como autora literária na imprensa periódica portuguesa, ao mesmo tempo que escandalizava a sociedade com a sua vida amorosa.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

CASTRO, Zília Osório de Castro e ESTEVES, João, Dir.; Vv., Coord. – *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

RODRIGUES, Ernesto – *Mágico Folhetim*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

SILVA, Inocêncio Francisco da - *Diccionario Bibliográfico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859-1860.